

Jazzista Yussef Dayes chega ao Brasil em janeiro

PÁGINA 4



Jason Statham em novo longa de ação nas telas

PÁGINA 3



Nossas dicas de quadrinhos para o fim de ano

PÁGINA 6



2º CADERNO



Divulgação

Regido por Dioniso, Zé Celso quebrou tabus com sua arte

Teatro brasileiro foi marcado por mortes de Zé Celso e Aderbal Freire-Filho em 2023

Cicatrizes abertas no palco

Na história do teatro, 2023 será lembrado como o ano da morte de José Celso Martinez Corrêa, o Zé Celso, um dos fundadores do Teatro Oficina e

a mente mais anárquica da arte no Brasil, e de outros grandes nomes dos tablados brasileiros, como o diretor Aderbal Freire-Filho.

A primeira foi uma perda embalada pela tragédia. Na madrugada de 4 de julho, um incêndio

consumiu o apartamento onde Zé Celso, de 86 anos, morava, no Paraíso, na região central de São Paulo, com o marido, o ator Marcelo Drummond, e outros dois atores da companhia, Ricardo Bittencourt e Victor Rosa.

O fogo foi causado por uma falha no aquecedor elétrico. Enquanto Zé Celso tentava sobreviver no Hospital das Clínicas, os demais integrantes do Oficina foram encaminhados para o Hospital São Paulo. Lá, Drummond e Bittencourt descobriram estar infectados pela Covid-19. Dois dias depois, Zé Celso morreu, fato que desencadeou uma extensa celebração por sua vida e obra.

A alegria, preconizada pelo modernista Oswald de Andrade, substituiu a tristeza durante o velório. Uma multidão lotou a passarela que corta o edifício, projetado por Lina Bo Bardi em 1991, entoando canções do repertório da compa-

nhia. Em sua despedida, o dramaturgo ganhou do público um ritual dionisíaco, o que correspondia ao seu pensamento teatral.

Ao lado de Renato Borghi, Ety Fraser, Amir Haddad e Ronaldo Daniel, Zé Celso desafiou a ditadura militar, nos anos 1960, propondo um teatro adequado à realidade brasileira. Para tanto, ele traduziu aos palcos a linguagem tropicalista, alicerçada na antropofagia, cunhada pelo modernismo.

Dali em diante, o Oficina deglutiu a influência estrangeira, à luz da cultura nacional. Da antropofagia, nasceu “O Rei da Vela”, texto de Oswald de Andrade encenado na década de 1970, que criticou a subserviência do regime militar em relação aos países desenvolvidos. Também se tornaram históricas as peças “Os Pequenos Burgueses”, do russo Máximo Gorki, e “Galileu Galilei”, inspirado na teoria do alemão Bertold Brecht.

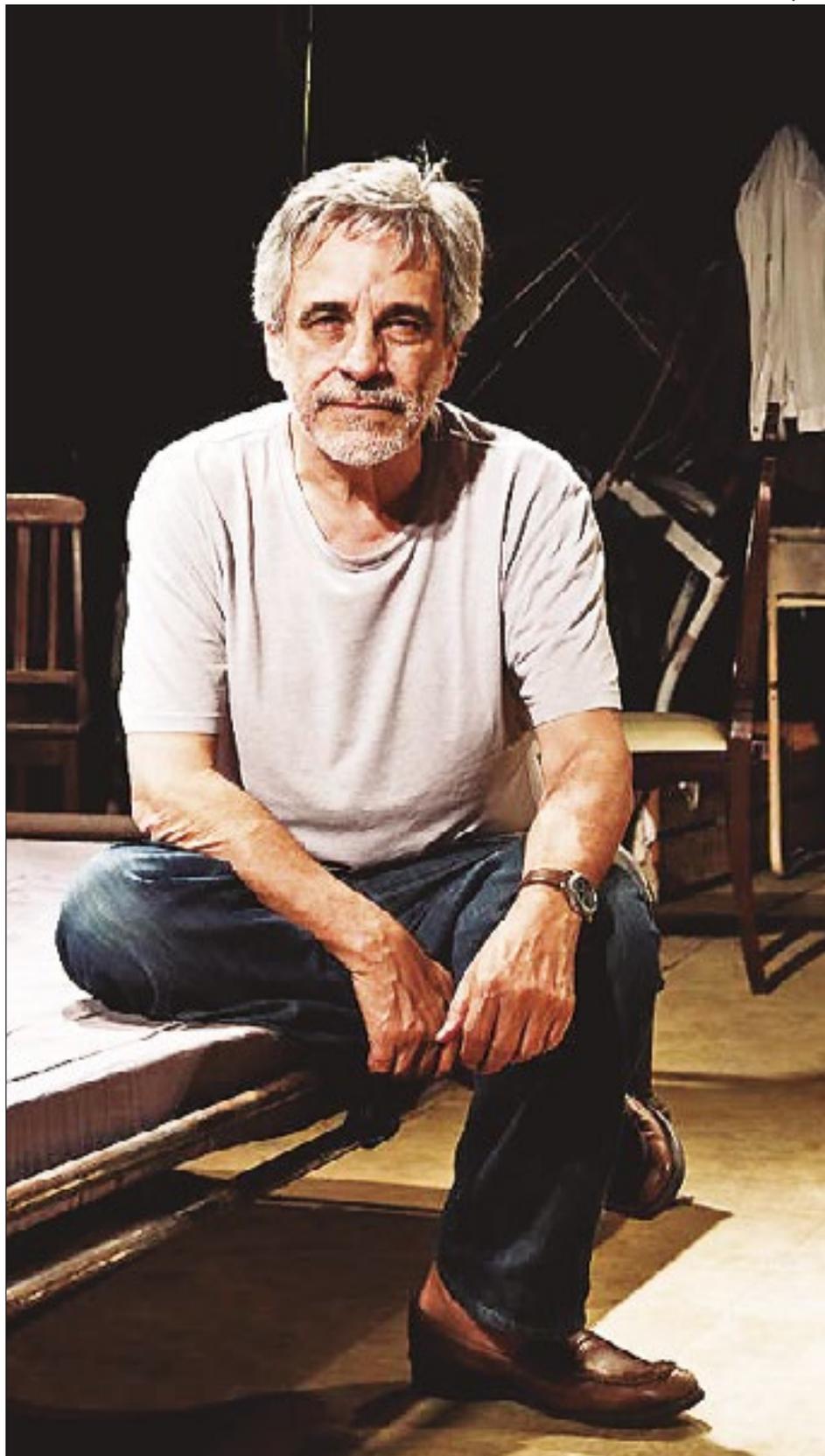
A morte de Zé Celso provocou um trauma na classe teatral brasileira. Sobretudo para Rosa, que viveu a tragédia de perto, tentando salvar Zé Celso. “Os pés dele estavam com fogo. Queimei as minhas mãos tentando agarrar o corpo dele. Ele tirou as mãos do andador e fomos ao chão, na tentativa de escapar da fumaça. Zé estava lúcido e consciente durante todo esse momento”, disse o ator na ocasião.

O Oficina segue. Drummond assumiu a presidência da companhia, que voltou no final do ano aos trabalhos, com a peça “O Jogo do Poder”, uma colagem de 36 textos de William Shakespeare.

Continua na página seguinte

Um novo baque para a classe

Paula Giolito/Folhapress



Discípulo de Bertold Brecht, Aderbal Freire-Filho se dedicou, a partir dos anos 1980, a encenar uma geração de autores brasileiros

Um mês depois da perda de Zé Celso, a classe teatral sofreu outro baque, com a morte do diretor Aderbal Freire-Filho, aos 82 anos. Ele havia sofrido, havia três anos, um acidente vascular cerebral, que o debilitou desde então.

Em sua carreira, Freire-Filho se notabilizou por reforçar a natureza literária do teatro, adaptando grandes romances para os palcos. “O Púcaro Búlgaro”, de Campos Carvalho, de 2006, e “Moby Dick”, de Herman Melville, encenado três anos depois, foram exemplos do que o diretor chamava de romance-em-cena.

Discípulo de Brecht, Freire-Filho se dedicou, nos anos 1980, a encenar uma geração de autores brasileiros, como Leilah Assumpção, Oduvaldo Vianna Filho e Aldomar Conrado. Como diretor, deixou a marca do seu rigor, sendo contra o espontaneísmo em cena. Ele marcava as posições no palco como se fosse um coreógrafo, na contramão do teatro contemporâneo.

Outro personagem notável que saiu de cena foi o Teatro Aliança Francesa, que persistiu no centro de São Paulo por 60 anos. Após uma última temporada com bons espetáculos do Grupo Tapa, que montava seus trabalhos lá desde 1986, a instituição gestora decidiu vender o prédio histórico que foi um ponto de resistência na ditadura militar.

A sala recebeu peças históricas, como a estreia, em 1969, de “Fala Baixo Senão Eu Grito”, de Leilah Assumpção, estrelando Marília Pêra, e “Um Grito Parado no Ar”, de Gianfrancesco Guarnieri, com Othon Bastos.

Mas o ano não se resumiu às mortes. “Traidor”, novo texto de Gerald Thomas, mostrou que o teatro é capaz de capturar o espírito do tempo. Na peça, Marco Nanini encarnou um homem à beira da loucura, que reflete sobre temáticas contemporâneas, como as guerras e a mudança climática. A produção é determinada pelo absurdo do personagem, esperando a chegada de uma tropa, que nunca chega.

Já no circuito comercial, “A Herança”, peça de cinco horas e meia escrita pelo americano Matthew Lopez, foi sucesso de

público e crítica. Com Bruno Fagundes e Reynaldo Gianecchini no elenco, 11 atores traçaram um panorama da história da comunidade gay de Nova York, nos Estados Unidos, tematizando o horror durante a epidemia de Aids.

“Tom na Fazenda”, com Armando Babiouff, que teve nova temporada pelo país ao longo do ano, se sagrou como um fenômeno, passando a marca de 300 apresentações e dando continuidade ao sucesso que teve desde que estreou em 2016.

Em paralelo, a premiada montagem de “As Bruxas de Salém” pelos Satyros, em São Paulo, foi surpreendida nesta semana com a perda dos direitos autorais da peça escrita por Arthur Miller. A aquisição feita por Marcel Giubilei frustrou os fundadores da companhia, Ivam Cabral e Rodolfo García-Vázquez, quando tentaram estender as apresentações.

Notável ainda a presença crescente de trabalhos solo, que preencheram as salas do circuito. Foi o caso de adaptações literárias como “Escute as Feras”, com Maria Manoella dando corpo ao livro da antropóloga Nastassja Martin; “Vista Chinesa”, com Julia Lund estrelando uma versão da obra de Tatiana Salem Levy; além do universo de Guimarães Rosa, que inspirou Vera Zimmermann em “Diadorim” e uma trilogia com o ator Gilson de Barros.

Na dança, a São Paulo Companhia de Dança estreou o espetáculo “Le Chant du Rossignol”, uma criação do alemão Marco Goecke para o poema sinfônico de mesmo nome, composto por Igor Stravinsky, em 1917.

Na ópera, o ano foi marcado por uma polêmica envolvendo a montagem de “O Guarani”, no Teatro Municipal de São Paulo. Como mostrou a Folha de S.Paulo, a obra de Carlos Gomes teve uma leitura decolonial, seguindo a perspectiva da diretora Cibele Forjaz.

Segundo ela, as montagens da ópera reproduziam uma imagem preconceituosa e estereotipada dos indígenas. Por isso, a ópera teve intervenções da Orquestra e do Coro Guarani, e Peri e Ceci, cada um deles ganhou um duplo, que vagava no palco. Estudiosos da ópera criticaram a montagem, que pouco tinha a ver com as aspirações do compositor. E não só. A montagem de Forjaz mudou a obra de Carlos Gomes, excluindo o seu balé.

Oswaldo Colarusso, maestro que nos anos 1980 esteve à frente do Coro Lírico Municipal, classificou a atitude como “burrice”. “É um modismo tentar dar uma roupagem politicamente correta para a obra. Certamente Carlos Gomes iria odiar”, disse ele.

Ferrão afiado de Jason Statham

Ferrabrás nº 1 do cinema B de ação, ator inglês vai inaugurar o ano vigente da pancadaria nas telas no papel de um apicultor cheio de mistérios em 'Beekeeper – Rede de Vingança'

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Rei do “Domingo Maior”, herdeiro (sem laços sanguíneos) de Stallone no comando da franquia “Os Mercenários” e fetiche do diretor Guy Ritchie, o inglês Jason Statham vira zangão no que promete ser o primeiro fenômeno dos thrillers de pancadaria de 2024: “Beekpeer – Rede de Vingança”. A estreia aqui está prevista para 11 de janeiro.

A direção é do polêmico David Ayer, que meteu bordoadas nos estúdios de Hollywood pelos boicotes que sofreu em sua versão para as HQs do Esquadrão Suicida, em 2016. A fim de garantir um arranque de respeito para sua volta às telas, o cineasta convocou um astro que virou sinônimo de soco na cara, responsável por ar-



Divulgação

Herdeiro legítimo da tradição dos filmes de ação com Sylvester Stallone, o britânico Jason Statham faz acontecer em 'Beekeeper'

recadações milionárias.

Este ano, ele ajudou “Megatubarão 2” a faturar US\$ 395 milhões pelo mundo afora. Dublado aqui habitualmente por Armando Tiraboschi, Statham agora vive um apicultor que esconde um segredo, ligado a uma organização de agentes treinados para matar.

“Existem muitos cineastas com verve autoral com quem eu gostaria de trabalhar, mas, por

vezes, na indústria, somos vistos a partir de certos prismas, ainda que, no prisma que estou, eu tente humanizar os personagens, explorando a solidão que existe neles”, disse Statham ao Correio da Manhã, quando lotava os cofres hollywoodianos de dólares com “Infiltrado”, que ganhou às telas em meio à pandemia e pode ser visto hoje na Amazon Prime.

Foi na França, há 21 anos, sob os auspícios do realizador Luc

Besson que esse ator e modelo britânico reinventou uma carreira que havia começado em 1998, com “Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes”, assumindo a persona do herói bom de luta e rápido no volante. Frank, seu personagem em “Carga Explosiva” (2002-2008) faturou milhões, abriu espaço para que ele tivesse lugar na franquia “Velozes e Furiosos” e ainda assegurou sua (oni)presença em thrillers B. Mas

ele nunca deixa passar a chance de trabalhar com o realizador que o revelou, seu conterrâneo Guy Ritchie. Ano passado, os dois arrecadaram cerca de US\$ 103 milhões com o já citado longa “Infiltrado”. Trabalharam de novo este ano em “Esquema de Risco - Operação Fortune”. É um filme que merece uma revisão.

“Venho de muitos filmes que têm uma dimensão cômica ácida, de muitos excessos formais, explícitos na ação, incluindo alguns com a marca autoral de Guy Ritchie, um parceiro”, disse Statham. “Guy é um cineasta colaborativo, que sabe trocar com a gente em cena. Silêncio é parte de um método físico dele, com quem eu demorei a trabalhar após de um início de carreira onde fui seu colaborador muitas vezes. Gosto de notar o quanto ele explora a ideia de ‘sujeito comum’ que temos e expande essa noção do que seria a normalidade para o perigo”.

Existe um toque de chanchada em “Esquema de Risco - Operação Fortune”, que pode ser visto na Amazon e na Apple TV, além do sistema de aluguel do YouTube. Sob uma saraivada de balas, Fortune precisa unir uma das melhores equipes de operações especiais do mundo (Aubrey Plaza, Cary Elwes e Bugzy Malone) para rastrear e conter a venda de uma nova tecnologia de armas mortais que está sendo realizada por um milionário do Mal, Greg Simmonds (Hugh Grant). Mas o time de Fortune vai precisar da ajuda do astro de Hollywood Danny Francesco (Josh Hartnett) para passar despercebido.

“Há um código de honra que cerca alguns heróis. Esse padrão significa agir dentro de um protocolo de valores relacionado ao que parecer ser o certo, o correto. Mas não é todo o personagem que tem esse luxo, principalmente figuras associadas ao submundo, como é o caso de muitos dos papéis que me oferecem”, disse Statham. “Acredito que o silêncio é uma ferramenta que um ator tem para expressar com técnicas de corpo aquilo que, habitualmente, ele confiaria às palavras”.

CORREIO CULTURAL



Marisa Cauduro/Divulgação

Elenco da produção original do Castelo Rá-Tim-Bum

TV Cultura anuncia remakes de programas infantis

A TV Cultura planeja novas versões de alguns dos seus programas infantis mais famosos, incluindo “Cocoricó”, “Castelo Rá-Tim-Bum” e “Mundo da Lua”. As produções acompanham as comemorações dos 55 anos do canal, em 2024. A emissora confirma os remakes de “Cocoricó” e “Castelo Rá-Tim-Bum” enquanto o de “Mun-

do da Lua” ainda é analisado. O “Bem Brasil”, programa de shows musicais passado nas manhãs de domingo, também está sendo avaliado para uma nova versão. O novo “Castelo Rá-Tim” acompanha o filme que a emissora já desenvolve com Cao Hamburger, diretor e cocriador do programa original.

Fusão em pauta

A Warner Bros. Discovery e a Paramount, dois dos maiores estúdios de Hollywood, iniciaram conversas para uma possível fusão das companhias. A Paramount, que acumula uma dívida de US\$ 15 bilhões, busca parceiros ou compradores.

Nova atração

Apresentadoras do podcast Quem Pode, Pod, Giovanna Ewbank e Fernanda Paes Leme vão comandar um novo programa no GNT, em 2024. Prevista para estreiar em abril, a atração vai se chamar Quem Não Pode se Sacode e vai ter plateia.

Renovou

Marcos Mion está de contrato novo com a Globo. O apresentador anunciou a renovação do seu vínculo por mais três anos. “Dei meu segundo passo dentro da emissora dos meus sonhos, rumo aos próximos 35 ou 40 anos”, disse em postagem.

Fim de ciclo

César Filho não chegou a um acordo com a Record e confirmou a saída da emissora. O apresentador anunciou a saída do Hoje em Dia durante uma festa de confraternização do programa. As imagens do discurso foram publicadas no Instagram.



Yussef Dayes mostra inovação e energia no vídeo ao vivo gravado na Califórnia

Prodígio do jazz contemporâneo aquece as turbinas para tocar no Brasil

Yussef Dayes, multi-instrumentista britânico, tem apresentações agendadas em palcos do Rio e de São Paulo em janeiro

Yussef Dayes, multi-instrumentista britânico e um dos maiores nomes do novo jazz, chega ao final do ano trazendo novidades. Após revelar no YouTube a performance “Live from Malibu”, o artista anuncia três shows no Brasil em 2024: em São Paulo, nos dias 16 e 17 de janeiro (Blue Note SP), e no Rio de Janeiro, em 18 de janeiro (Blue Note Rio).

“Live from Malibu” segue a fórmula de sucesso de “Live at Joshua Tree” (2022): mostra uma performance energizante e envolvente, cercada de belas paisagens. Yussef é acompanhado por Rocco Palladino no baixo, Venna no saxofone, Elijah Fox no sintetizador e teclados, além de Alexander Bourton na percussão - todos presentes no álbum “Black Classical Music”, lançado em setembro.

A live session demonstra o

ecletismo e a abordagem única de Dayes, mesclando influências da música africana, caribenha e sul-americana ao jazz. “Tioga Pass”, uma das faixas da apresentação, representa a essência inovadora de Yussef como artista.

Versatilidade

Dayes chama cada vez mais a atenção do público e da crítica com seu trabalho, que atrai uma lista crescente de colaboradores - “Black Classical Music” conta com participações de Tom Misch, Jamilah Barry, Shabaka Hutchings, Miles James, Sheila Maurice Grey, Nathaniel Cross, Theon Cross e a Chineke! Orchestra - primeira orquestra profissional da Europa composta majoritariamente por músicos negros. Além disso, o álbum What Kinda Music de 2020 (mais uma parceria com Tom Misch), que estreou no Top 5 das para-

das britânicas; um remix oficial de “Frontline” de Pa Salieu, no álbum “Made In Lagos”, de Wizkid; e faixas produzidas para Kali Uchis e Kehlani demonstram a versatilidade de Yussef Dayes.

“O que é jazz? De onde surgiu a palavra? Nascido em Nova Orleans, enraizado na cultura sul-americana e nos rituais africanos. Continuando uma linhagem de Miles Davis, Rahsaan Roland Kirk, Nina Simone, John Coltrane, Louis Armstrong - música que está sempre evoluindo e sem limites em seu potencial. O sentimento, as composições, a espontaneidade, o amor pela família, a disciplina e a dedicação em manter o alto nível estabelecido pelo panteão dos músicos clássicos negros. Um som majestoso para esse corpo musical”, reflete Dayes.

A disputada agenda de shows reflete a reputação de Dayes como fenômeno na música: em outubro, o artista fez uma apresentação esgotada no renomado Royal Albert Hall, em Londres, e se apresentou no prestigiado programa “Later... With Jools Holland”, do canal britânico BBC, além de ter realizado uma turnê pelos Estados Unidos.

Em comemoração ao centenário da primeira emissora de rádio do país, a Rádio MEC, sucessora da pioneira Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a TV Brasil estreou o documentário inédito “1 dia na MEC, 100 anos no Rádio”. A produção original também está disponível no app TV Brasil Play.

Com destaque para o fomento da produção de conteúdo audiovisual, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), gestora da centenária Rádio MEC, da histórica Rádio Nacional e da TV Brasil, costura a trajetória da comunicação pública para valorizar e resgatar a relevância desses três veículos.

O trabalho tem a experiente roteirista Antonia Pellegrino na Diretoria de Conteúdo e Programação. A equipe do projeto, que já rendeu frutos na telinha como a série Cine Resenha e o programa DR com Demori, conta com a premiada documentarista Maria Augusta Ramos na Gerência Executiva de Conteúdo, além de Alice Lanari e Zeca Ferreira, respectivamente na gerência e na coordenação de criação de conteúdos artísticos.

Produzido com material raro e exclusivo de acervo próprio, o documentário “1 dia na MEC, 100 anos no Rádio” busca levar o espectador para dentro do universo radiofônico. A proposta é destacar a importância do veículo, relevante para a formação da sociedade brasileira ao longo das décadas, que permanece cada dia mais vivo e preparado para os novos desafios em sua caminhada rumo ao próximo centenário.

Com direção de Poliana Guimarães, o filme é uma ideia original de Leonardo Dias que assina o roteiro. A produção executiva é de Rafael Tavares, enquanto Ingrid Gassert e Katy Navarro são responsáveis pela produção junto com a diretora e o roteirista do projeto.

Educação, arte, informação, literatura, música de concerto, jazz, programação infantil e música popular brasileira, temas que formaram a base da programação da Rádio MEC, são abordados pelos radialistas da emissora durante o documentário que acompanha um dia na rotina dos bastidores da programação na perspectiva pública ao abranger ouvintes, artistas e profissionais, desde a técnica aos apresentadores.

Para construir um panorama ainda mais completo do mosaico de informações sobre a história da MEC, a obra ainda traz a participação de integrantes do grupo Azymuth e entrevistas com personalidades da cultura nacional. O doc abre o microfone para os músicos Hamilton de Holanda e Edu Krieger, os professores Marcus Aurélio de Carvalho, Marlene Blois e Liana Milanez, o maestro Tim Rescala e a imortal da Academia Bra-



Produzido com material raro e exclusivo de acervo próprio da EBC, o documentário ‘1 dia na MEC, 100 anos no Rádio’ busca levar o espectador para dentro do universo radiofônico

TV Brasil celebra 100 anos de rádio

Documentário produzido pela EBC celebra trajetória e profissionais da Rádio MEC, emissora pioneira do país

Divulgação TV Brasil



sileira de Letras (ABL), a escritora Heloísa Teixeira.

Durante suas falas, os convidados destacam alguns dos programas que foram ao ar

na emissora pública e marcaram época como a atração *Quadrante*, produzida de 1961 a 1964, com roteiristas e escritores renomados, em que uma série de crônicas escritas

por famosos autores nacionais, com toque de humor e reflexão, eram lidas pelo ator Paulo Autran.

O documentário revela trechos e bastidores dos eventos realizados pela EBC no ano de 2023 em comemoração ao centenário da emissora como a opereta “O Sonho de Edgard”, encenada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e o Prêmio Rádio MEC 100 anos, realizado na Sala Cecília Meirelles.

A produção também mostra como são feitos alguns dos programas que estão no ar atualmente. O filme acompanha edições de formatos de diversos conteúdos da programação transmitida dos estúdios da Rádio MEC com os titulares das atrações que os ouvintes reconhecem pelo timbre de voz.

O doc apresenta curiosidades e resgata informações marcantes como a memória sobre a visita dos cientistas Albert Einstein e Marie Curie à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro nos anos de 1925 e 1926, respectivamente. Pai da radiodifusão brasileira e criador da emissora, Edgard Roquette-Pinto também fomentou o radiojornalismo. Ele selecionava e lia as notícias do dia logo pela manhã no microfone da rádio ainda na década de 1920.

O poeta Carlos Drummond de Andrade ajudou na mudança do nome de Rádio Sociedade para Rádio MEC em 1936. O entusiasta inclusive participou ativamente da troca das placas de patrimônio nos equipamentos da rádio.

A produção conta com áudios históricos de ícones da cultura brasileira como Roquette-Pinto, Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Paulo Autran, com mídias preservadas no acervo da Rádio MEC. Outro destaque é a trajetória da atriz e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), Fernanda Montenegro, que assume esse nome enquanto trabalhava na Rádio MEC. No início, assinava Arlette Pinheiro.



Divulgação

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Quadrinhófilo que se preza pediu gibi de Natal. Uns ganharam coisa boa. Outros, não. Mas as bancas, gibiterias e livrarias estão apinhadas de atrações imperdíveis. Confira alguns cults das artes gráficas.

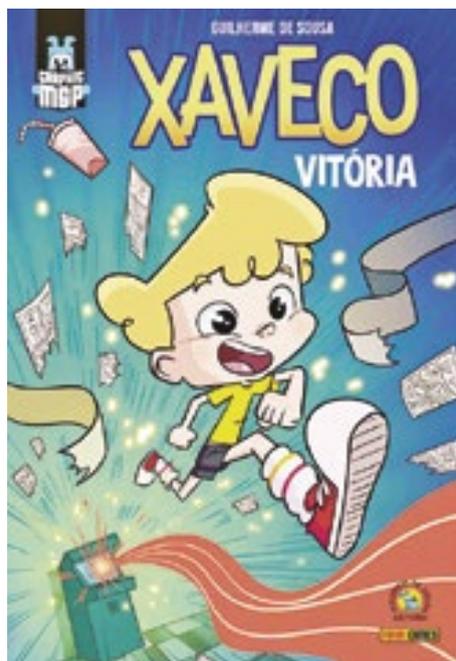
DYLAN DOG & BATMAN: Uma união rara entre a DC Comics e a Sergio Bonelli Editore, que põe o Homem-Morcego ao lado do Investigador do Pesadelo para tentar deter uma investida letal do Coringa em Londres, gerando uma praga zumbi. John Constantine, bruxo com fortes laços com o Demônio, serve de coadjuvante de luxo para a trama. Roberto Recchioni assina os roteiros. Já os desenhos trazem a grife da dupla Werther Dell'Edera e Gigi Cavenago.

XAVECO: VITÓRIA (GRAPHIC MSP): O tempo das humilhações acabou! Chega de ser sempre o coadjuvante, o reserva, o segundo melhor amigo. Neste álbum cheio de bossa de Guilherme de Sousa, o parceirão do Cebolinha, criado há 60 anos, tem chance de virar protagonista, numa trama em que passa sua vida do avesso.

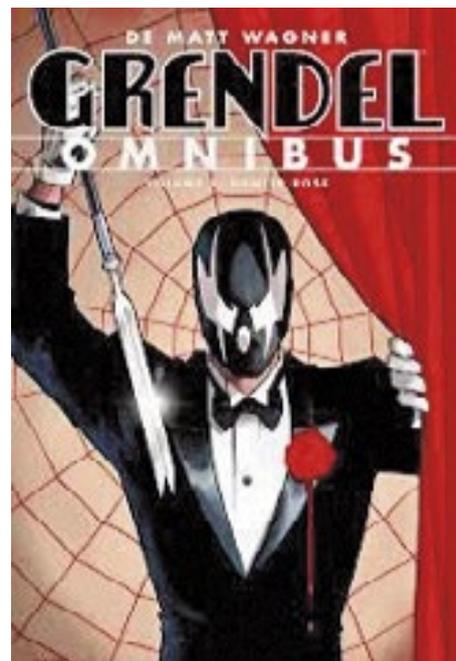
SUPERGIRL: A MULHER DO AMANHÃ: Graças à arte exuberante da desenhista Bilquis Evely, esta minissérie compilada aqui pela Panini num só volume fez sucesso de venda nos EUA e concorreu ao Prêmio Eisner, o Oscar das HQs. Sua protagonista, Kara Zor-El, passou por muitas aventuras épicas ao longo dos anos, mas hoje acredita estar sem propósito. Para onde vá, as pessoas só a veem como prima do Superman. Até que tudo muda, quando uma garota alienígena a procura para uma missão

O que ler na virada?

Passado o Natal, no enterro dos ossos das rabanadas, confira os gibis que merecem atenção antes do apagar das luzes de 2023



de vingança contra os vilões que exterminaram seu planeta. Agora, uma kryptoniana, um cachorro e uma criança com o coração partido partem para o espaço em uma jornada que mudará suas vidas. O roteiro é do aclamado Tom King.



ÁRDUO AMANHÃ, de Eleanor Davis: A autora dessa HQ da editora Tordesilhas ganhou o LA Times Booker Prize por um estudo precioso sobre o limite entre inércia e resiliência numa narrativa que celebra a união, na amizade e no amor.

Sua protagonista, Hannah, uma cuidadora de idosas, que anda cheia de dúvidas em suas cabeças, é “a” personagem de quadrinhos do ano em nossas livrarias. Seu namorado é maconheiro profissional que vive da erva e sonha finalizar uma casa do campo, para plantar legumes e cânhamo. Já Hannah só quer ter um bebê. Mas a vida anda cruel com seu desejo. O traço de Eleanor é de uma elegância modiglianesca.

A LENDA DE MUSASHI: Como viver sem mangás? Eis a resposta que nos faz adorar o filão, vindo do Japão. Mamoru Sasaki (1936-2006) e o lendário Goseki Kojima (1928-2000) se unem para imaginar como teria sido a fase da maturidade - praticamente desconhecida - do lendário espadachim nipônico Miyamoto Musashi, surpreendentemente repleta de angústias e inquietações, e seu papel em diversos episódios históricos na turbulência política e religiosa que marcou o Japão do século XVII. Mais um certo da Pipoca & Nanquim.

GRENDAL OMNIBUS VOL. 1: A Mythos vai fazer muita gente chorar ao resgatar as tramas que fizeram de Matt Wagner um dos pilares da cena independente (porém, pop) do quadrinho americano nos anos 1980 e 90. Temos aqui um compilado das aventuras de Hunter Rose, um escritor que sai pelas ruas mascarado e se torna um líder do crime. O álbum conta com um trabalho gráfico primoroso em preto, branco e vermelho.

ESPELHO MEU: O roteirista e editor Alexandre Callari, do brilhante “Arena”, está de volta à criação autoral pelas veredas do terror, desta vez ao lado do artista Robson Moura para contar uma labiríntica história de paranoia, ira e perdas. Em sua trama, a atriz Laura Brondi já teve o mundo aos seus pés. Ela foi protagonista de novela, estrela de diversos filmes e inspirou toda uma geração quando jovem, mas, agora, sua vida não vai muito bem. As boas ofertas de trabalho diminuiram conforme a idade pesava em seus ombros. Ela precisa encarar um divórcio litigioso por parte de um ex-marido que quer tirar o pouco de dinheiro que lhe restou. E, acima de tudo, Laura sente que é um anacronismo num mundo em que a exposição nas mídias sociais se tornou uma nova regra para alcançar o sucesso. Mas uma série de fatos que desafiam qualquer explicação começam a ocorrer com ela. Será um toque do Além?

Maré sempre mansa

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

A praia de Copacabana tem o desenho de orla urbana mais linda do mundo. O que combina mais com o sentar ao entardecer, ficar vendo o movimento dos banhistas retardatários, a brisa e a confusão natural de locais turísticos? Os frutos do mar, pescados, cerveja gelada, chope bem tirado, drinques variados, música brasileira e um atendimento ótimo. Essas são as propostas, bem realizadas, do Dumare Quiosque, exatamente em frente à Siqueira Campos.

João Vereza foi criado, praticamente, dentro da praia e da Avenida Atlântica



Divulgação

Polvo com baião da praia

desde os 3 anos. Meu querido acompanhante foi primeiro ao mergulho. Medida perfeita para receber a caneca gelada com o chope bem tirado, o colarinho correto, refrigerio para o calor do El Niño. João é fã de polvo. Acompanhou o chope com o pastel do molusco, fritinho, carne picadilha com ótimos sabores.

O Dumare oferece a semana do camarão. São sete deliciosos pratos e petis-

cos para se saborear sem pressa. Como somos a família camarão, mergulhamos direto nesse cardume. Começamos com o quatro enormes camarões ao coco. Fritos no ponto em que a maciez chega a ser reconfortante, envoltos no coco e acompanhados de molhos muito bem elaborados: teriaki, alho com temperos ao azeite, maioneses diferenciadas.

Camarão com catupiry é o nosso favo-

rito. Sempre. A fritura seca, o panko dando a crocância e o queijo derretido, sem derramar, o que é um ponto bem difícil de se obter. João, que é cozinheiro de pratos de uma só panela, quis testar uma das suas próprias receitas: baião de dois de frutos do mar. Provou e alinhou os acertos: arroz, feijão de corda, pequenos pedaços de queijo coalho, misturados com os temperos, sem caldo, como deve ser. Os tentáculos do polvo, macios.

Acompanhamos com chope gelado, caipirinha de lima da pérsia e drinques elaborados com destilados e boas composições. Pensei que ficar no Dumare é um programa de largar a família. João é meu filho e companhia excepcional. Nos separar jamais.

SERVIÇO

QUIOSQUE DUMARE

Posto 3 (altura da Rua Siqueira Campos)

De segunda a quinta-feira (9h a 0h30); sexta a domingo e feriados (9h a 1h30)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação



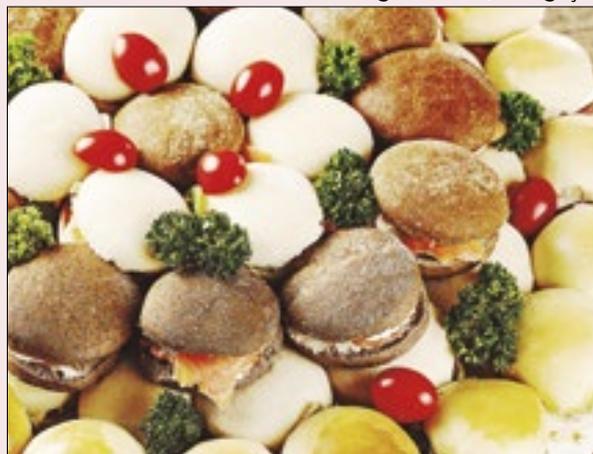
Azeite de baixa acidez

Azeite é um ingrediente fundamental na culinária brasileira. Nas ocasiões festivas, as saladas, os pratos de frutos do mar, bacalhau exigem azeite, muito azeite. A Casas Pedro lança a sua própria marca, produzida no Sul do país, chegando mais rápido e fresco a sua mesa, e com acidez de 0,1%, ressaltando sua qualidade. Com embalagem de cerâmica, seu blend especial de azeitonas, Koroneiki e Arbequina, traz duas variedades distintas que se completam muito bem – o aroma e a intensidade de sabor. O azeite está disponível em todas as lojas da rede.

Delícias da Talho

Reveillon é festa com amigos, família, na rua. Comemorar as novas esperanças. Talho Capixaba prepara tábuas para ficar conversando, falando dos desejos para o ano que começa, rindo, esperando a contagem regressiva. Tábuas ganham destaque para as festas de final de ano, como a tábua de queijos/frios/mista; tábua de blinis com salmão ou brie; tábua de mini sanduíches; e a tábua de mini pães. Para acompanhar, cesto de pães, pastas e o patê de foie gras com amora. O bacalhau com natas é outra boa sugestão.

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Samanta Toledo



Pro dia nascer doce

Além de muito dinheiro no bolso, saúde para dar e vender, o Ano Novo deve vir doce. A incrível chef Milena Sá da Éclair Cafeteria e Bistrô caprichou no menu de sobremesas. Começamos pelos bolos: Os bolos são um capítulo à parte para todos os paladares: chocolate, morangos, torta floresta negra, torta natalina. Além dos pudins: o tradicional com calda de caramelo de milho e o pudim de caramelo e flor de sal. Há ainda os imperdíveis pavês de nozes, chocolate morango e pistachella e o manjar, tradicional em muitas mesas. (21) 3556-9808

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha